



O presidente José Sarney, o governador José Aparecido e dona Risoleta Neves inauguram hoje o Panteão da Pátria, completando o



conjunto arquitetônico da praça dos 3 Poderes. Projeto de Oscar Niemeyer, o monumento recebeu ontem os últimos retoques



O Panteão, um monumento para a Nova República

O Panteão da Pátria Tancredo Neves, que completa o conjunto arquitetônico da praça dos Três Poderes, será inaugurado hoje, às 13 horas, pelo governador José Aparecido, dona Risoleta Neves, viúva de Tancredo, e o presidente José Sarney, numa cerimônia rápida, que se seguirá ao desfile no Dia da Pátria, no Eixão, e aos cumprimentos do corpo diplomático ao presidente da República no Palácio do Planalto.

O presidente José Sarney fará o percurso do Planalto ao Panteão — cerca de 500 metros — a pé, às 12h50min. Lá já o estarão aguardando o governador José Aparecido e dona Risoleta Neves, junto com os demais convidados — ministros de Estado, secretários do GDF, autoridades civis e militares, políticos e toda a família Neves, num pátio que armou em frente ao Monumento. As 13 horas será iniciada a cerimônia.

O Coral da Escola de Música de Brasília, com a participação de Antonio Carlos Jobim, cantará o Hino Nacional e o Hino da Independência. Será, em seguida, assinado o termo de doação do Panteão, firmado pelo governador José Aparecido e pelo empresário Amador Aguiar, presidente da Fundação Bradesco, que financiou a obra. O Cardeal Dom Agnelo Rossi, presidente da Administração da Sé Apostólica, assistido pelo Arcebispo de Brasília, Dom José Falcão, oficiará a bênção ao monumento. Após a bênção, dona Risoleta Neves fará breve discurso, seguindo-se as palavras do presidente José Sarney, que falará do papel histórico de Tancredo Neves e dos ideais da Nova República, que ele assumiu após o martírio do presidente eleito. Encerrados os discursos, o presidente, o governa-

dor, dona Risoleta e demais autoridades visitarão o interior do Panteão, descerrando a placa comemorativa.

FAMÍLIA NEVES

Toda a família de Tancredo Neves estará hoje em Brasília para a inauguração do Panteão, a começar por dona Risoleta, que chega pela manhã, de Belo Horizonte, em avião especial ao lado do filho Tancredo Augusto com sua mulher e filhos, mais o neto Aécio Neves da Cunha, candidato a deputado federal pelo PMDB de Minas.

Em outro voo, chegam do Rio de Janeiro as outras duas filhas de Tancredo, Maria do Carmo e Inês Maria, ambas com seus maridos e filhos. "Se o Panteão leva o nome de Tancredo Neves, toda a família tem que comparecer", justificou, ontem, Tancredo Augusto Neves a presença de todos eles na inauguração do Panteão da Pátria Tancredo Neves.

Na tarde de ontem, Tancredo Augusto se reuniu com dona Risoleta para discutir as linhas do discurso que a viúva fará hoje na inauguração. "Será um discurso curto, mas redigido previamente", decidiu Tancredo Augusto depois de consultar sua mãe, que chegou, no início da tarde, de Fortaleza, onde recebeu uma comenda do governo estadual.

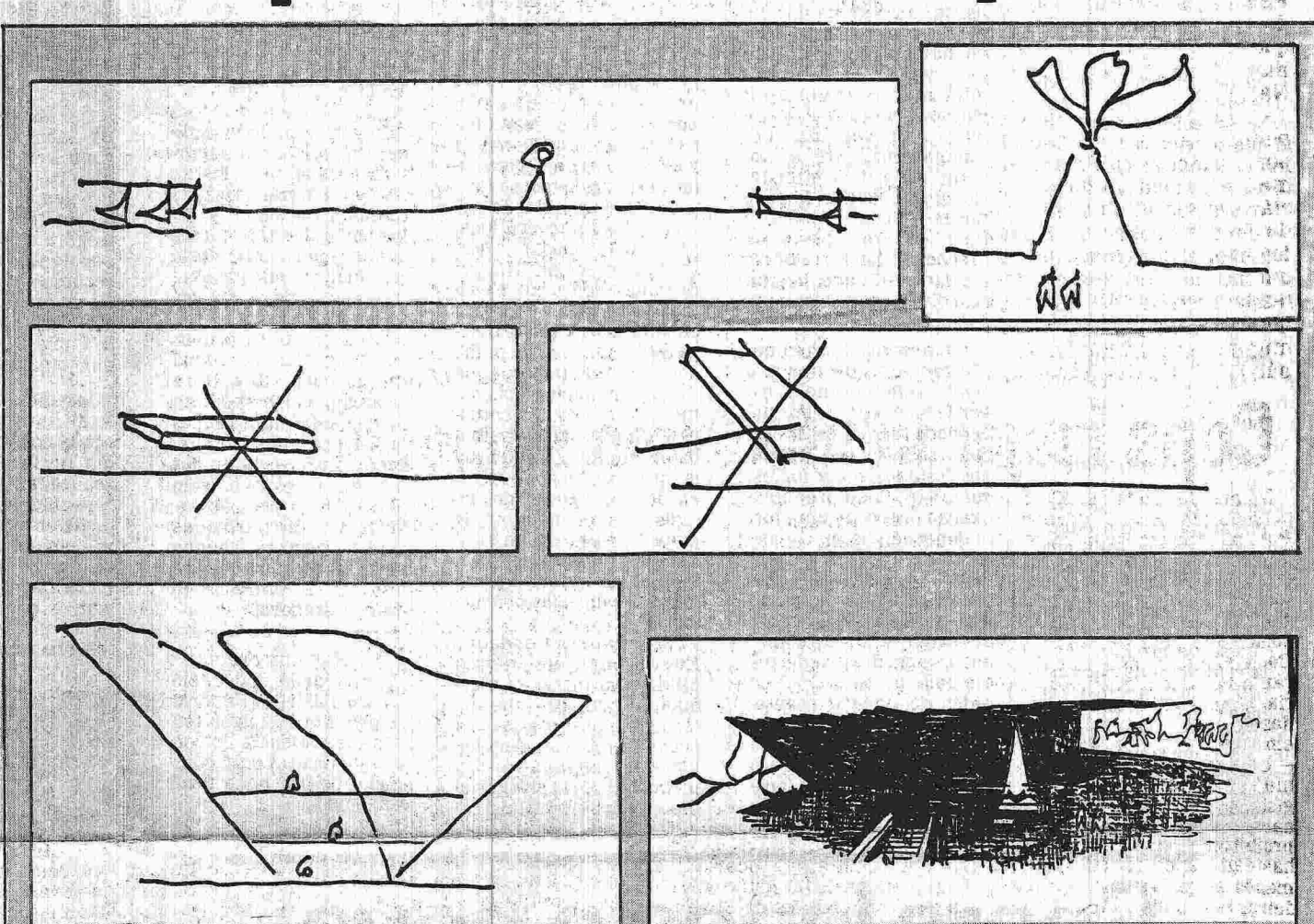
Em poucas linhas, dona Risoleta vai agradecer a homenagem ao seu marido fazendo referências ao presidente José Sarney e ao governador José Aparecido, responsáveis pela construção do Panteão. Deve ainda dizer que a memória de Tancredo Neves merece ser preservada por causa de seus compromissos com a democracia.

Para o governador José Aparecido, "não há nada mais natural do que esta homenagem ao fundador da Nova República, Tancredo Neves". O Panteão, que homenageia todos os heróis da democracia no Brasil, leva o nome de Tancredo Neves. "É uma coisa muito grata ao meu coração e à minha inteligência", disse o governador.

José Aparecido lembrou que sua identificação com Tancredo é tal, que ele foi o único deputado a ser nomeado duas vezes pelo fundador da Nova República, primeiro secretário de Estado da Cultura de Minas, e depois ministro de Estado da Cultura.

Além da família Neves e de todos os governadores estaduais, que não poderão comparecer em função das comemorações do dia 7 de setembro em seus Estados, José Aparecido fez questão de convidar para a inauguração do Panteão todos os ex-prefeitos e ex-governadores de Brasília. "Brasília é o estuário de todas as culturas nacionais. Tem uma vocação plural, como a cultura brasileira. Por isso todos os ex-prefeitos e ex-governadores foram convidados".

O nome de Tancredo Neves é lembrado ainda numa placa de bronze que reproduz o texto de placa inaugurada quando o presidente da França, François Mitterrand, lançou a pedra fundamental do Panteão, e que será guardada dentro do monumento. É lembrado também no livro de aço que homenageará os heróis da liberdade e da democracia, e numa frase do empresário Amador Aguiar, presidente da Fundação Bradesco, que doou o monumento à cidade, convocado pelo governador José Aparecido, inscrita no Panteão.



O Panteão Tancredo Neves visa homenagear os que, neste País, lutaram pela liberdade e pela democracia.

Situado na Praça dos Três Poderes, ele deverá se integrar plasticamente nos palácios que a compõem. Daí a minha preocupação em estudá-lo como se dessa Praça o estivesse olhando, cercado pelos palácios do Planalto e do Supremo Tribunal Federal (desenho 1).

premo Tribunal Federal (desenho 1).

E logo, nos primeiros croquis, ensaiei uma forma compacta e leve, qualquer coisa que se entrelaçasse como uma flor (desenho 2). E elaborei muitos croquis, tentando as soluções mais variadas. Não queria uma forma retangular que acompanhasse a Praça paralelamente (desenho 3), nem que a contrariasse (desenho 4) perpendicularmente. E a idéia da forma com-

pacta acabou prevalecendo.

Será uma construção praticamente fechada, uma escultura que nasce e se expande nos céus de Brasília.

No nível da passarela fica o hall; em cima, o grande salão, alto de 10 metros, enriquecido por uma pintura mural contando a tragédia da Inconfidência; um grande vitral de 20 x 15 metros e o livro de aço com os nomes dos homenageados (desenho 5).

Releio o texto, examino cuidadosamente a maquete: a solução me agrada. O Panteão não é tão grande que desmereça a escala da Praça dos Três Poderes, nem tão pequeno que fuja à escala de um Panteão.

E o grande salão terá um ambiente escuro, quase cósmico, onde apenas o livro de aço, o mural e o vitral serão destacados por brancos facho de luz.

Oscar Niemeyer

Trabalhando até a última hora

Até a tarde de ontem os técnicos estavam ainda trabalhando na iluminação interna do Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, coordenados pelo arquiteto Oscar Niemeyer. "É um trabalho muito delicado mas será concluído a tempo", explicou Oscar Niemeyer, que ontem esteve no Panteão várias vezes para acompanhar o andamento dos trabalhos. Também para checar os últimos preparativos para a inauguração, que será às 13 horas de hoje, estiveram no Panteão o governador José Aparecido, e dona Leonor de Oliveira, presidente da Fundação Bradesco, Amador Aguiar, o ex-deputado Geraldo Carneiro e o escritor Mário Palmério.

Durante todo o dia de ontem cerca de 120 homens e mulheres trabalharam para que o monumento estivesse realmente pronto hoje. No interior do Pan-

teão foram feitos trabalhos de limpeza dos carpetes e vitrais, e do lado de fora os arremates finais nos mármore e a preparação do solo para futura urbanização. Apesar desta parte não estar concluída hoje, o governador José Aparecido anunciou que entregará a tarefa ao paisagista Burle Marx.

Um monumento fantástico que vai entrar para a história da Nova República. E assim que o governador José Aparecido define o Panteão da Liberdade e da Democracia. Com um interior típico das obras de Niemeyer, o Panteão conseguiu arrancar comentários de todos durante a última visita de seus idealizadores e executores. Para o presidente da Fundação Bradesco (entidade que patrocinou a obra), Amador Aguiar, o Panteão ficou uma obra "maravilhosa, como eu esperava que ficasse". "Uma beleza".

comentou dona Leonor acompanhada pela esposa do escritor Mário Palmério: "Dá até vontade de ficar aqui e não sair mais".

"E o que pude fazer, foi o que resultou do que planejei", disse Niemeyer acompanhando de perto todas as etapas dos preparativos finais para a inauguração do Panteão. Além da placa explicativa que será colocada do lado de fora do monumento, com os nomes de todas as personalidades envolvidas na construção do Panteão, três textos devem estar presentes em seu interior: um de José Aparecido, outro do presidente José Sarney e outro de Amador Aguiar.

São eles: "A paixão de liberdade não morre. Na ressurreição da pedra aqui estão lembrados os que fizeram a glória da pátria. Só Deus compartilha da eternidade de seus nomes", José Sarney.

"O Panteão da pátria Tancredo Neves em honra da liberdade foi edificado e doado pela Fundação Bradesco por iniciativa do governador José Aparecido de Oliveira, Governo de Brasília — 1986". Amador Aguiar. Estes dois textos estão inscritos em placas e fixados em uma das paredes internas do Panteão. No livro aberto de metal, localizado no centro do primeiro pavimento do Panteão, estará escrito um texto de autoria do governador José Aparecido: "Panteão da pátria que tem o nome de Tancredo Neves, monumento inspirado nos ideais de liberdade e democracia do idealizador da Nova República".

Artistas enriquecem o acervo de Brasília

O Panteão da Pátria Tancredo Neves, que será inaugurado hoje, às 13h, pelo presidente José Sarney e pelo governador José Aparecido, além de enriquecer o conjunto arquitetônico de Oscar Niemeyer na Praça dos Três Poderes, será mais um referencial turístico da cidade. Ali estarão os trabalhos de artistas plásticos intimamente ligados a Brasília.

Dois deles, Athos Bulcão e Marianne Peretti, já participaram de outras criações de Niemeyer, no Brasil e no exterior, mas se notabilizaram principalmente pela contribuição que deram à criação de Brasília. As obras de Marianne estão em quase todos os conjuntos arquitetônicos de Brasília, na Câmara dos Deputados e no Senado, Palácio do Jaburu e Memorial JK. Athos Bulcão é um dos artistas criadores de Brasília. Fez um painel para o Congresso, produziu o relevo do Teatro Nacional, os azulejos do batistério da Catedral e cenas da Virgem Maria no interior da nave, além de cerâmicas e azulejos espalhados por todo o Plano Piloto.

OS TRABALHOS

Ao entrar no Panteão, o visitante apreciará primeiramente o mural vermelho de Athos Bulcão. Medindo 21 x 4 metros, o trabalho, segundo o autor, é uma concepção geometro-abstrata ligada ao espaço arquitetônico, sem qualquer intenção de simbolismo. Trata-se de um módulo que se multiplica, se aglutina em três, forma um triângulo e este às vezes gira um pouco. Ficará no Salão Vermelho do monumento, que será fartamente iluminado.

Depois, o visitante atingirá o salão principal, cujo ambiente sombrio será acentuado pelo contraste da luz resultante do salão anterior. Nesse recinto, estarão fixados de um lado, o grande mural, da Inconfidência

Mineira, pintado por João Câmara; do outro, o vitral e o pássaro de Marianne Peretti.

O vitral de Marianne junto com o pássaro mede 180 metros quadrados e talvez seja a maior obra do gênero em todo o mundo. Os vitrais são de tonalidades roxas e vermelhas e o pássaro foi esculpido em bronze. O conjunto, segundo o artista, tem a simbologia da liberdade que se debruça sobre o Planalto Central. Os vitrais foram encomendados na Alemanha Ocidental e são sustentados por toneladas de vigas e nervuras de ferro.

A obra-mural do artista plástico João Câmara é composta de sete painéis, retratando a Inconfidência Mineira. "A escolha do assunto levou em conta o sentimento unânime de que o espírito da Inconfidência Mineira foi precursor da idéia de nação livre e soberana", justifica o artista. A obra foi executada em tinta acrílica sobre tela estucada em chassi de alumínio. Toda a pintura é em preto e branco e, segundo o autor, visa alcançar uma tonalidade solene aparentada a gravuras da época. É como se o painel fosse um documento imaginado mas persuasivo, na sua feição de representação histórica", argumenta

João Câmara.

O Painel 1 é denominado "Sacrifício da Indústria Nacional". Representa-se a queima dos teares e o sacrifício alegórico da jovem indústria nacional, enquanto reluz entre as chamas o triângulo da Inconfidência, a mostrar que a restrição ao desenvolvimento fabril e mercantil do Brasil, feita por Portugal e pela Inglaterra, influiu mais que a "Derrama", no anseio de libertação dos inconfidentes.

O Painel 2 retrata uma das muitas reuniões dos inconfidentes. São homens de diversas funções e temperamentos. A cena se passa num sótão imaginado respeitando-se, contudo, a ambientação e o vestuário. Não havendo iconografia dos conjurados, o artista tomou por modelos os próprios amigos, observando apenas a idade dos personagens.

No Painel 3, "Pregação de Tiradentes", é figurado o alferes surgindo em meio a um campo de mineração, como aparição mágica. De acordo com João Câmara, esta "atemporalidade" histórica permite tanto a representação razoavelmente fidedigna de sua farda quanto a inserção contemporânea de uma cena de mineração na Ser-

ra Pelada atual, a afirmar a perenidade da pregação de Tiradentes, na sua mensagem símbolo.

O Painel 4 retrata a morte de Cláudio Manoel da Costa. O poeta jaz perto do local onde foi encontrado enforcado, não se sabe ao certo se por suas próprias mãos. No número 5, "A Farsa do Julgamento" a cena figurada põe em jogo as cartas marcadas da sentença, numa espécie de minuto ridículo e pré-fabricado. Os tipos históricos foram representados como efígies, pois aí, praticamente, fala-se o idioma clichê da história oficial.

O Painel 6, "Enforcamento de Tiradentes", traz o mártir, o carrasco e o religioso, colocados em cena no limite entre a realidade e o imaginário. A guarda é figurada como extensão do patíbulo, enquanto o público está reduzido a sombras projetadas já presentes no painel anterior.

O último Painel, "O Corpo", retrata o corpo de Tiradentes, embora esquartejado, é recomposto como numa crucificação, contra o pano de fundo de Vila Rica, dando-se assim o corpo à sua terra.

No centro do salão, iluminado por um facho de luz natural, vazado do teto, estará o livro de aço, onde ficarão gravados para a eternidade os nomes dos que combateram e morreram para que todos fossem livres em sua pátria.

O povo, através do Congresso Nacional, é que escolherá os heróis a serem glorificados no monumento, observando um espaço mínimo de 50 anos após a morte, conforme as condições que o governador José Aparecido apresentará em mensagem ao Poder Legislativo, através do Presidente da República. Este período, segundo Aparecido, é o suficiente para o julgamento histórico do personagem.



Ontem, o Panteão estava sendo preparado para a festa

Os operários falam de sua obra

Limpar tudo. Esta foi a ordem final dos preparativos de inauguração do Panteão da Pátria Tancredo Neves durante todo o dia de ontem. Dentro e fora do monumento, os trabalhadores não pararam um minuto: 76 funcionários da Construtora Musa acompanhados por 44 garis do Serviço de Limpeza Urbana são os principais responsáveis pela conclusão da obra no prazo esperado.

E para eles, o que significa o Panteão? Muitos sabem seu objetivo e quem o arquitetou. Alguns pretendem comparecer hoje à inauguração, outros preferem esperar pelos noticiários da televisão (mesmo sabendo que, às 13 horas, de hoje não será permitida a utilização de lu-

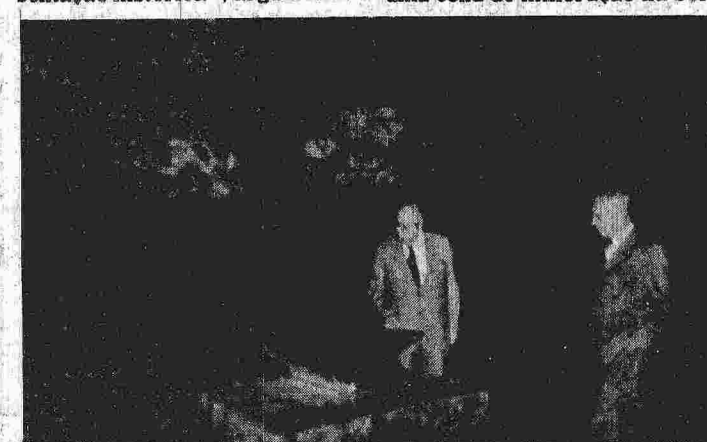
zes pelos fotógrafos e cinegrafistas por prejudicar a iluminação interna imaginada por Oscar Niemeyer). As opiniões são diversas.

"Acho a obra fundamental, mas acho que atualmente temos prioridades mais importantes do que esta", comentou o mestre de obras da Construtora Musa, Marcelino Francisco Campos. Residente em Sobradinho, Marcelino disse que estará presente hoje à inauguração do Panteão, mas só porque "tenho mesmo que ir a trabalho para ver se eles precisam de alguma coisa".

Já o trabalhador Estevão Chaves da Silva, que colaborou com o Panteão nos serviços de

mármore, acredita que será muito mais interessante ver tudo pela televisão, já que o acontecimento pretende reunir muitas pessoas. "O Aparecido estou cansado de ver. O Niemeyer a toda a hora a gente encontra. Então, voltar aqui para ver o quê", indagou.

Para o ajudante de obras Antônio, que lá mesmo, no canteiro de obras do Panteão, com sua bagagem pronta para mudar de barraco a partir de hoje, é sempre bom presenciar a inauguração de uma obra de que participou. "Venho só assistir à reunião dos homens aí, não se trabalha na inauguração", comentou assegurando sua presença hoje.



Aparecido e Amador Aguiar junto ao painel de Câmara